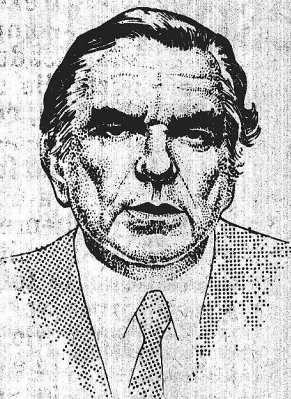


Archer levará sua renúncia a Sarney

por Walter Marques
de Brasília

Amanhã o ministro Renato Archer, da Ciência e Tecnologia, vai ao Palácio do Planalto levando uma carta ao presidente José Sarney. Em sua carta ele colocará o seu cargo à disposição do chefe do governo. Nem todos os ministros adotarão idêntico procedimento público e formal, mas todos, de alguma forma, acompanharão o gesto de Renato Archer para colocar o presidente inteiramente à vontade no momento em que ele assume efetivamente o comando do poder central.

Nos últimos dois dias, nas conversas mantidas pelos ministros no Palácio do Planalto durante as exéquias do presidente Tancredo Neves, constatou-se como que um consenso em torno da idéia de colocar os cargos à disposição de José Sarney. A forma escolhida por Renato Archer não significa que exista uma ameaça a sua permanência. Tudo concorre para que ele fique no Ministério.



Renato Archer

Ontem, na Base Aérea de Brasília, de onde o esquife de Tancredo Neves partiu para Belo Horizonte, a primeira-dama, dona Marly Sarney, disse-lhe carinhosamente: "Você sabe que não vai sair".

Archer, no entanto, sente a necessidade de uma manifestação de Sarney sobre a sua permanência. Ele tem motivos especiais. Embora ambos mantenham boas relações pessoais, no plano político estão em campos adversá-

rios. Desde antes de 1964, Archer na "Ala Moça" do extinto PSD e Sarney na então não menos jovem "Bossa Nova" da extinta UDN. Em 1968 Archer foi cassado. Posteriormente foi perseguido e preso. Sarney, eleito em 1965 governador do Estado do Maranhão, cresceu como líder político de projeção nacional no período dos governos revolucionários.

Além desses fatos, episódios mais recentes levam Archer a condicionar sua permanência no Ministério a um convite público de Sarney. Foi ele quem conseguiu para a candidatura de Tancredo Neves o apoio de Ulysses Guimarães. Em reconhecimento, Tancredo ofereceu a Ulysses, que escolhesse em seu Ministério o cargo que fosse do seu desejo. O presidente do PMDB manifestou, no entanto, seu desejo de permanecer na presidência do partido e indicou Renato Archer como seu representante. Mas Tancredo respondeu que Archer já era seu ministro. Ulysses indicou então o senador Pedro Simon, que se tornou ministro da Agricultura.

A carta de Renato Archer a José Sarney, bem como o gesto dos demais ministros que, individual e discretamente, realizarão, na prática, uma renúncia coletiva, em que pesem às particularidades de cada caso, compõe apenas um aspecto da união de todas as forças políticas no apoio ao presidente José Sarney, no objetivo de preservar a legalidade e a estabilidade política do regime civil. Predomina, no entanto, entre eles a certeza de que o Ministério permanecerá intacto.

No entanto, apesar de toda a tranquilidade com que partidos políticos, suas lideranças, ministros e assessores se unem para dar sustentação política ao governo, reina entre os integrantes do Ministério uma forte expectativa em torno de qual será a reação popular à ação do governo agora sob a direção de José Sarney. O apoio político — da classe política — com que ele conta coloca-o numa situação que poderá exigir-lhe medidas mais ousadas do que aquelas que Tancredo Neves tomara, pois precisará conquistar a confiança popular. Frustrar as esperanças antes depositadas em Tancredo Neves pode comprometer a ampla sustentação parlamentar de que hoje dispõe.